

JAMES ROLLINS



AS AVENTURAS DE
JAKE RANSOM

A ESFINGE UIVANTE

Tradução de
CLÁUDIA BRITO

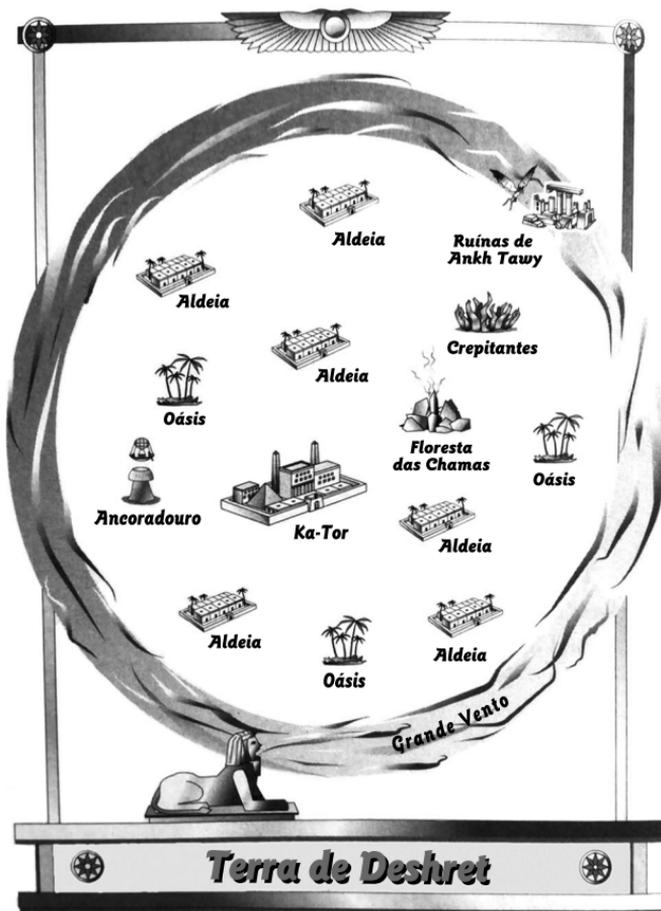


BERTRAND EDITORA
Lisboa 2021

*A Carolyn,
por alimentar sempre a magia na nossa vida*

AGRADECIMENTOS

As melhores viagens são as que fazemos com os amigos ao nosso lado. Esta segunda viagem a Pangeia não foi exceção. Antes de mais, tenho de agradecer a todo o meu grupo de crítica, cujos esforços incansáveis fizeram este livro brilhar: Penny Hill, Steve e Judy Prey, Dave e Will Murray, Caroline Williams, Chris Crowe, Chris Smith, Josh Harris, John Keese, Lee Garrett, Denny Grayson, Leonard Little, Kathy L'Ecluse, Scott Smith e Sally Barnes. Não há melhor grupo de picuinhas, peritos em tecnologia e críticos por aí. Para além do grupo, Carolyn McCray — ela própria uma grande escritora — e David Sylvian — que labuta ingratamente nos bastidores — tornaram mais fácil um ano difícil e ajudaram a que este livro ganhasse vida. E, por fim, um agradecimento especial a todos na HarperCollins, em particular à minha editora Barbara Lalicki, pela sua paciência infinita e pelas suas brilhantes capacidades de contadora de histórias. Não poderia também deixar de agradecer a outras duas pessoas que me acompanharam em todos os passos deste percurso: os meus agentes Russ Galen e Danny Baror. Como sempre, quero sublinhar que todos e quaisquer erros de factos ou pormenores neste livro são da minha exclusiva responsabilidade.



PRÓLOGO

VALE DOS REIS



Nenhum homem conseguiria sobreviver tanto tempo a uma tempestade daquelas.

Nuvens de areia vermelha varriam o deserto do Sara e assolavam o Egito. A tempestade obscureceu o sol e aumentou de tal forma que podia ser vista dos satélites em órbita. E em terra, a situação não era melhor. Para os que tiveram a infelicidade de ser apanhados por ela, os ventos corroíam a pele exposta como uma lixa áspera.

Mas o velho fora convocado e sabia que tinha de obedecer.

O professor Nassor Khouri era curador sénior no Museu do Cairo e o maior especialista no Antigo Império Egípcio. O curador curvou as costas para enfrentar as ferroadas da areia. Tinha o rosto curtido pelo sol coberto com um lenço e os olhos escondidos atrás de óculos.

Ao atravessar o Vale dos Reis não via praticamente um palmo à frente do nariz, mas conhecia o caminho. Como qualquer erudito egípcio. Durante milénios, os faraós egípcios tinham sido sepultados naquele labirinto de colinas

calcárias e de ravinas arenosas, incluindo o famoso rei-me-nino, Tutankhamon.

Mas a meta de Nassor encontrava-se muito mais longe, para além da zona onde a maioria dos arqueólogos investigava. Enfrentou a tempestade e embrenhou-se mais profundamente no vale, em direção a uma nova escavação. Para qualquer observador, esta não parecia mais do que um poço a ser escavado, um projeto para levar água à terra ressequida. Autorizações, fardas e equipamento, tudo tinha a marca de um grifo negro, o conhecido logótipo da empresa que financiava a escavação.

A Bledsworth Sundries and Industries, Inc.

A companhia financiava muitos projetos humanitários daquele género em toda a região. Mas Nassor conhecia o verdadeiro objetivo daquele projeto específico e fora bem pago para o manter secreto.

E agora fora convocado.

Teria a empresa encontrado o que procurava?

De certeza que isso não seria possível...

Apesar do bafo quente da tempestade de areia, Nassor estremeceu quando chegou ao local da escavação. Todos os trabalhadores tinham fugido da tempestade e deixado o local escuro e vazio. Nassor atravessou um labirinto de equipamento de mineração abandonado e de pilhas de material de trabalho para chegar ao buraco na encosta, emoldurado por vigas de madeira e vedado por uma porta de aço.

Marcou um código num teclado de segurança e a porta abriu-se. Nassor hesitou no limiar. Mesmo com a tempestade a uivar atrás de si, sentia relutância em entrar no túnel.

A passagem mergulhava abruptamente e estava iluminada por tochas a arder instaladas em ranhuras nas paredes.

Reprimindo o medo, Nassor baixou-se e entrou no túnel. Uma rajada de vento fechou a porta atrás dele com um estrondo. Sobressaltado, avançou rapidamente.

Quanto mais depressa despachar isto, mais depressa volto para casa.

À medida que percorria o túnel, as paredes de calcário bruto passaram a ser feitas de blocos de pedra. Surgiram pegadas antigas que se dirigiam ainda mais para baixo. Cada vez mais fundo. Nassor manteve-se no caminho iluminado pelas tochas quando as paredes começaram a estreitar-se de ambos os lados, como que a tentar detê-lo. Mas não tinha alternativa. Com suor a correr-lhe pelas costas, tinha de continuar a avançar.

Por fim, o túnel desembocou numa caverna espaçosa. Era uma vasta câmara abobadada, com as paredes cobertas de hieróglifos. Da câmara saíam outras passagens, mas os olhos de Nassor foram atraídos para as estátuas negras que se alinhavam contra as paredes. Eram representações perfeitas de guerreiros do Antigo Egito, da época do Império Antigo. Cada homem era único em termos de forma e de tamanho, mas todos tinham um aspeto em comum: os rostos eram máscaras de terror. Os olhares aterrorizados convergiam todos para a cabeça de uma serpente de pedra no centro da sala.

Era tão alta como Nassor. A amplitude do capuz na parte posterior da cabeça indicava tratar-se de uma cobra-capelo. Mas esta possuía *três* olhos: dois esculpidos em pedra calcária e um terceiro pousado no cimo do crânio. Este

último refletia a luz das chamas, irradiando um brilho vermelho-sangue. Era uma pedra preciosa oval do tamanho de um punho.

Nassor aproximou-se, estupefacto.

Uma voz ríspida deteve-o. Vinha do túnel que saía do extremo oposto da caverna. A pessoa encontrava-se escondida nas sombras. Apenas as suas palavras atravessavam a escuridão.

— *Sabes o que isso é...*

Nassor reconheceu a voz. Fora a voz que o convocara para aquele encontro secreto. Pertencia ao homem que comprara o silêncio de Nassor a troco do pagamento do tratamento médico da esposa, que estava às portas da morte. O dinheiro salvara-lhe a vida. Nassor nunca se arrependera do pacto que havia feito.

Até àquele momento.

Estava desde o início perfeitamente convencido de que o que o homem procurava era um mito, um objeto saído de uma lenda obscura. Que mal tinha deixar o homem escavar num local a que ninguém dava valor, em busca de um artefacto que poucos acreditavam que existisse? Nunca imaginara que a Bledsworth o conseguisse encontrar.

— *Reconheces o olho...*

Nassor reconhecia. Correspondia à descrição contida no antigo Livro de Thot, que atribuía um nome à pedra. «O Olho de Rá».

— *Traz-mo...*

Um braço saiu das sombras do túnel. Uma luva de ferro cobria a mão. Os dedos rangeram ao abrir-se.

Incapaz de recusar, Nassor aproximou-se da estátua a cambalear. Estendeu a mão para o olho cintilante. Quando

os dedos se detiveram sobre a pedra, os pelos minúsculos dos nós dos dedos eriçaram-se. Ao sentir um estranho poder a emanar da pedra, deteve-se. O coração latejava-lhe nos ouvidos, mas conseguiu ouvir a voz a repetir a ordem.

— *Traz-mo...*

Com um esforço enorme, Nassor fechou as mãos sobre a pedra. Um choque trespassou-lhe o braço, mas retirou rapidamente a pedra da órbita do olho. Cambaleou para atrás e fitou o que segurava na mão.

A pedra tinha o dobro do tamanho do seu punho. A luz das tochas fluía sobre a superfície polida e fazia sobressair milhares de sombras. Nassor estudara o suficiente de geologia para reconhecer um rubi flamejante, uma pedra preciosa rara naquela região e que, com aquele tamanho, tinha um valor inestimável. Era perfeito, à exceção de uma mancha num dos lados. Nassor deslizou o polegar sobre o veio elíptico de obsidiana negra que atravessava uma das superfícies da pedra.

Fazia com que parecesse um olho.

Nassor lançou um olhar à estátua.

Um olho de serpente.

Por trás da escultura antiga, o homem que o contratara saiu do túnel. As sombras mascaravam-no e rodopiavam à sua volta, ocultando-lhe as feições.

Assustado, Nassor deu um passo atrás. Apesar do terror que sentia, uma certeza cristalizou-se na cabeça do curador. Se metade das histórias sobre o Olho de Rá fossem verdadeiras, não podia deixar que ninguém possuísse a pedra preciosa, muito menos aquele homem sombrio.

A figura soltou uma risada fria, como se o homem tivesse lido os pensamentos de Nassor.

— *Não há por onde fugir...*

Nassor tentou. Virou-se para o túnel que conduzia à superfície. Tinha de evitar que aquele homem monstruoso se apoderasse do Olho de Rá. Se conseguisse chegar à superfície e alcançar o museu...

Deu um passo — ou antes, *tentou* dar um passo. Mas os pés ficaram subitamente gelados e recusaram-se a obedecer. Olhou para baixo e teve um sobressalto, incrédulo. Os sapatos tinham-se transformado em pedra e começavam a fundir-se com o chão de calcário.

Não, não eram apenas os sapatos.

Sentiu o frio a viajar-lhe pelo corpo acima. Viu as pernas transformarem-se em pedra e, em seguida, a parte inferior do corpo. Lutou para se mexer, para se afastar. Mas então o frio invadiu-lhe a barriga e o peito e estendeu-se aos braços.

Dedos de pedra seguravam agora o olho de rubi.

— *Não!* — gemeu, horrorizado.

Aterrado, olhou para a fila de guerreiros egípcios e percebeu que a sua expressão era agora igual à deles. Compreendeu subitamente porque fora ali chamado.

— *A maldição cairá sobre quem tentar retirar o Olho do local onde se encontra* — disse a figura com uma voz rouca.

A voz vinha mesmo de trás dele. Nassor não conseguiu sequer voltar-se quando o frio petrificante lhe congelou o pescoço. Fora enganado, ali chamado para atrair a maldição sobre si mesmo.

Nassor lutou contra ela e exclamou: «NÃO FAÇAS ISSO.» Mas a súplica alvoraçada morreu-lhe na boca quando a língua se transformou em pedra.

— *Ab, mas tem de ser...* — murmurou-lhe a figura ao ouvido.

Um braço surgiu por trás dele e dedos de metal pousaram sobre a pedra flamejante. O Olho de Rá foi retirado da mão pétrea de Nassor. Este quis voltar-se para ver o rosto do homem que o havia condenado, mas não conseguia mover-se, falar, nem respirar. Quando os ouvidos deixaram de ouvir e a visão se obscureceu, Nassor ouviu o homem murmurar uma última ameaça — não contra ele, mas contra outra pessoa. As palavras frias mergulharam com ele na escuridão.

— *Com isto farei Jake Ransom sofrer.*